

Isolar os radicais para desradicalizar a política

F www1.folha.uol.com.br/colunas/maria-herminia-tavares/2023/02/isolar-os-radicais-para-desradicalizar-a-politica.shtml

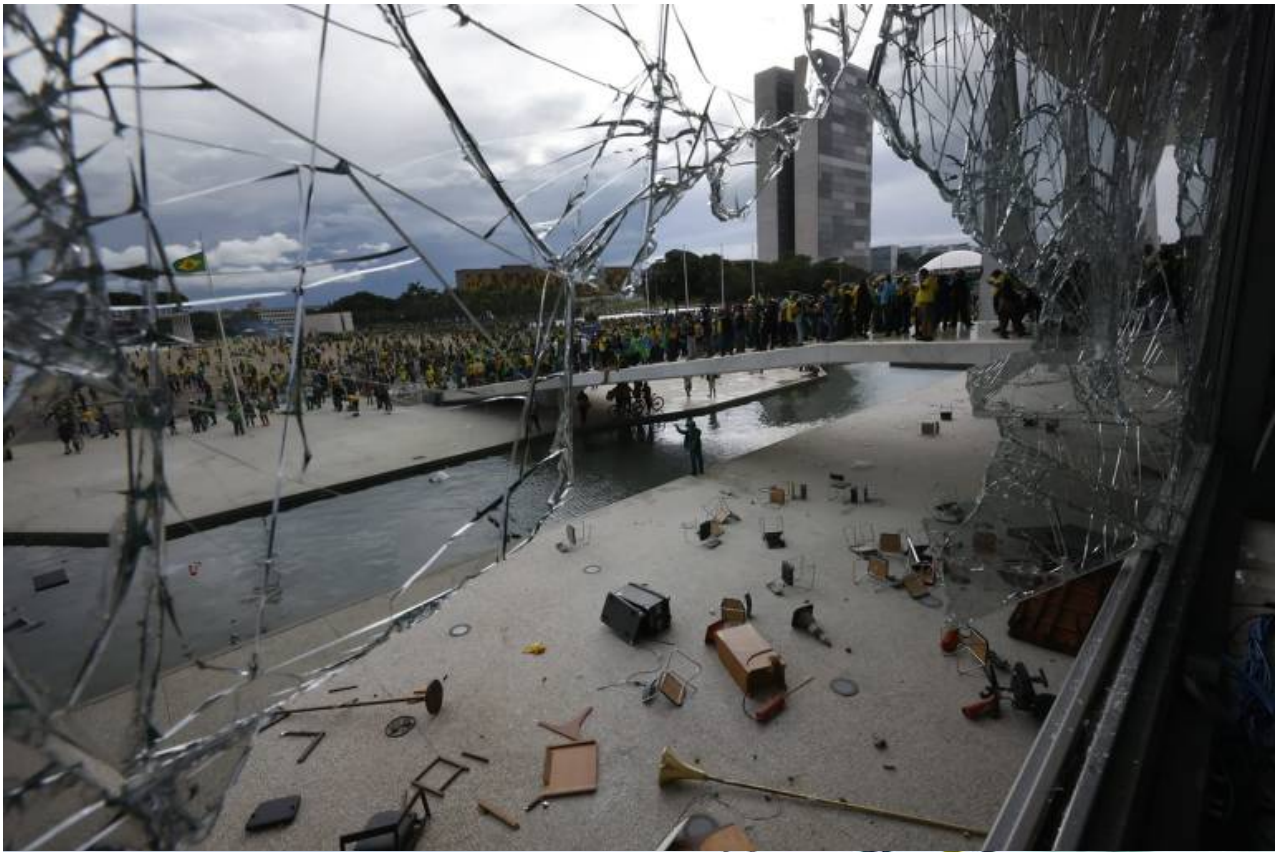
8 de fevereiro de 2023

A imensa maioria dos ricos e muito ricos certamente votou em Bolsonaro nos dois turnos. Muitos deles, decerto, terão desejado que, vitorioso, Lula não conseguisse tomar posse. É provável que alguns tenham ajudado de diferentes formas a invasão golpista de 8/1. É de esperar que as investigações em curso os identifiquem. Mas é irrealista imaginar que seja obra exclusiva deles a fracassada tentativa de negar pela força a vontade das urnas. Muito menos supor que a direita neles se esgote.

1 31

Bolsonaristas invadem Esplanada dos Ministérios







Fábio Gomes

dono

Encaminhado de

DIREITA BRASIL 🇧🇷 (Joao Lopes)



 **URGENTE: PORTA DO GABINETE DE ALEXANDRE DE MORAES NO STF FOI LEVADA PELOS MANIFESTANTES!**

👁️ 3,4K Joao Lopes, 16:14













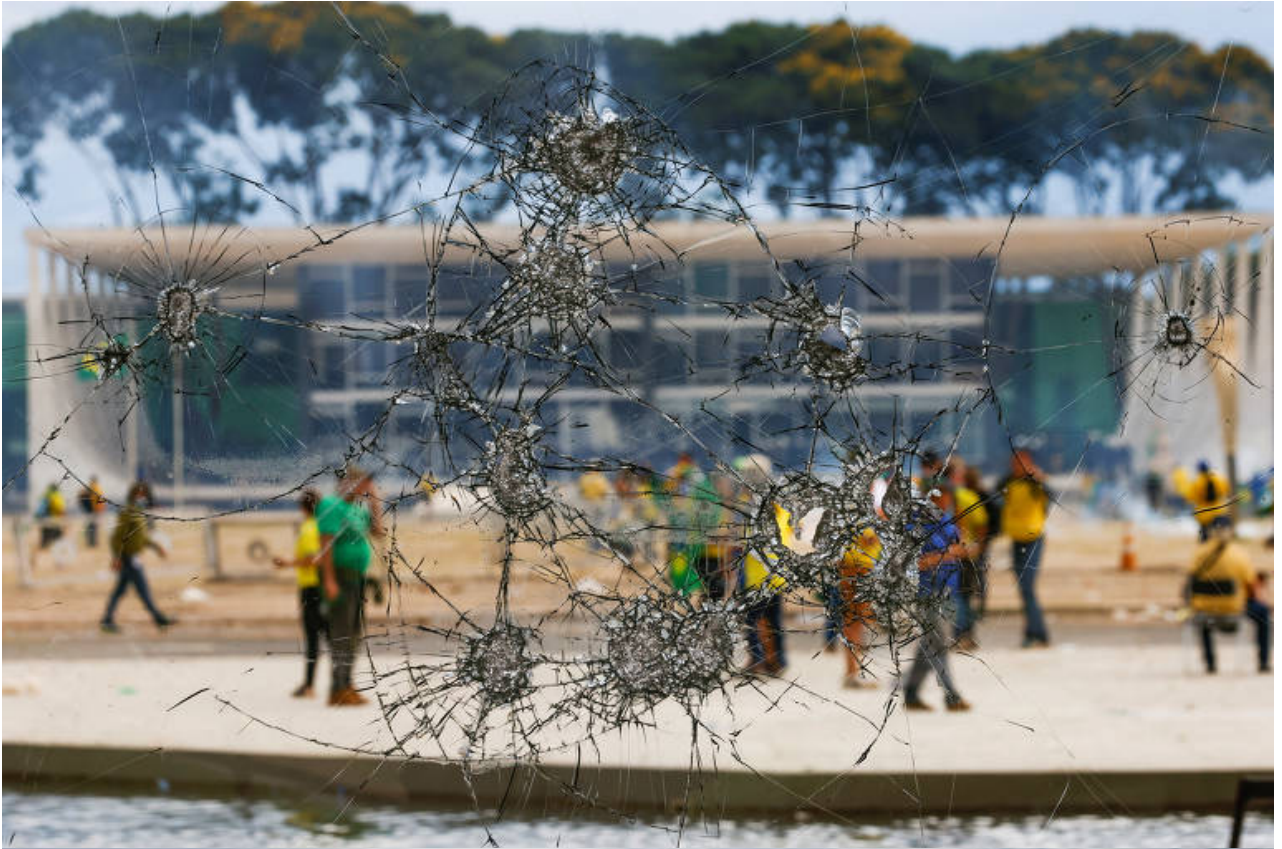














>

Congresso é tomado com uma faixa pedindo intervenção Gabriela Biló/Folhapress



Leia Mais

A força dos populismos de ultradireita que prosperam mundo afora – assim como a de seus antecessores do nazifascismo – vem do fato de serem policlassistas, ou seja, recrutam adeptos em diferentes estratos da sociedade e, sobretudo, mostram-se capazes de atrair a simpatia de contingentes consideráveis das camadas populares. Daí por que constituem alternativa eleitoral viável; nessa medida, quando a disputa é polarizada, acabam conquistando o voto dos mais moderados.



Eis o ponto: o populismo golpista e autoritário é perigoso exatamente porque pode vencer eleições dentro das regras da democracia. No Brasil, desde 2018, a falange que abomina essa mesma democracia comanda nas contendas presidenciais um campo político e social mais amplo, amalgamado no antipetismo. Lá estão pessoas de diferentes níveis de renda, riqueza, valores políticos e crenças religiosas.

Estudiosos da opinião pública calculam que a direita radical, hoje encarnada no populismo bolsonarista, represente algo como 1/4 do eleitorado – uma minoria robusta, radicalizada e fiel ao líder. Sua ascensão, nas circunstâncias muito peculiares da crise política que se seguiu ao impeachment de Dilma Rousseff, deveu-se em boa medida ao fato de ter sido capaz de apresentar um candidato popular, com cara de brasileiro comum – logo, eleitoralmente mais promissor do que os egressos da elite política tucana.



Bolsonaro come frango em uma barraca de rua em Brasília - @Marina Gadelha no Twitter

Impossível prever se o populismo de extrema direita continuará a encarnar o antipetismo em âmbito nacional. Afinal, a máquina de ódio e mentiras alimentada durante quatro anos pela Presidência da República teve efeitos: criou uma cisão profunda na sociedade, dividiu famílias, destruiu amizades e enclausurou pessoas comuns em circuitos fechados de absurdas crenças compartilhadas. Mas bem fariam os democratas e progressistas se não simplificassem o campo opositor e, ao revés, tratassem de entender e falar para os milhões de brasileiros que, tendo embora votado em Bolsonaro, não são extremados nem golpistas, muito menos ricos.

Afinal, desradicalizar a política não significa senão isolar os radicais.